

VERTIGENS DA LAMA: ENTRETECENDO BORDADO, AFETOS E VIDA

Letícia Zanella Sais

Débora Luiza Pereira

Andréa Vieira Zanella

Rafael Victorino Devos

Resumo: A pesquisa objetivou compreender a dinâmica e o processo de criação de um grupo de bordado constituído por mulheres atingidas por um desastre socioambiental. Anotações em diário de campo e fotografias, realizadas durante o acompanhamento dos encontros semanais do grupo, consistiram no material analisado. As análises das *arpilleras* produzidas possibilitaram compreender o processo coletivo do bordar a partir da aprendizagem de técnicas específicas, bem como da partilha de memórias e afetos.

Palavras-chave: Bordado. *Arpillera*. Processos de criação. Desastre socioambiental.

VERTIGO FROM THE MUD: INTERWEAVING EMBROIDERY, AFFECTION AND LIFE

Abstract: The research aimed to understand the dynamic and the creation process of an embroidery group composed of women affected by a socio-environmental disaster in Brazil. The analyzed material included field journals and photography, carried out by participating in weekly meetings of the group. The produced analysis of the *arpilleras* enabled us to understand the collective process of embroidering from the learning of specific techniques, as well as from the sharing of memory and affection.

Keywords: Embroidery. *Arpillera*. Creation processes. Socio-environmental disaster.

No amanhecer de 25 de janeiro de 2021, pessoas residentes na Servidão Manoel Luiz Duarte, Lagoa da Conceição, em Florianópolis/SC, foram acordadas com um estrondo que parecia anunciar tempestade, porém o céu estava limpo e o sol, radiante. A Lagoa de Evapoinfiltração (LEI) instalada em uma região de dunas vizinha, vinculada à estação pública de tratamento de esgoto do bairro, rompeu. Como consequência imediata, formou-se uma correnteza de rejeitos que invadiu a servidão, a região de dunas, a Avenida das Rendeiras e a Lagoa homônima. Em poucos minutos a lama fétida alcançou a marca de dois metros de altura, invadindo casas e destruindo pertences. A velocidade era tamanha que se formou um redemoinho, movendo e empilhando carros que estavam estacionados em garagens e ao longo da via. Não houve perdas de vidas humanas (outros animais não tiveram a mesma sorte), provavelmente devido ao horário em que o incidente ocorreu: as pessoas estavam prestes a levantar para mais uma semana de trabalho. De grito em grito, a vizinhança foi sendo alertada e se protegeu até que os bombeiros conseguiram retirar, três horas depois, as últimas pessoas ilhadas em seus telhados.

O rompimento da LEI afetou toda a bacia da Lagoa da Conceição, sua fauna e flora, bem como quem mantém uma relação íntima com ela: pescadores/as, esportistas, moradores/as do bairro e regiões próximas, comerciantes que têm o turismo como fonte de renda. Mas toda a cidade foi impactada: o descaso do poder público foi responsável pelo rompimento, pois a companhia de águas e saneamento não investiu na manutenção apropriada do lugar de descarte dos efluentes oriundos de sua estação de tratamento de esgoto e os órgãos de fiscalização pouco fizeram para impedir o ocorrido.

Na condição de atingidas pelo rompimento, podemos interpretá-lo como uma experiência de vertigem. Inspiradas nas palavras de Davi Kopenawa e Bruce Albert (2020), a vertigem pode ser entendida como um processo de arrebatamento que provoca ruptura, atordoa os sentidos e desmorona certezas. Uma experiência que desterritorializa, mas que, neste caso, também despertou o processo de criação, tanto singular como coletivo, dos bordados analisados neste trabalho.

A luta dos/as moradores/as atingidos em prol de uma justa reparação envolveu embates com o poder público municipal e estadual, manifestações públicas, a organização de eventos festivos, artís-



ticos e o bordar. Foi fundamental a contribuição do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB) na organização coletiva das pessoas atingidas e sua luta por direitos. Dentre várias atividades que o MAB promoveu, uma delas consistiu na apresentação e discussão de um filme que retrata a luta de atingidos/as de outras localidades no Brasil e na América Latina e o modo como as mulheres vêm utilizando o bordado para narrar os acontecimentos e elaborar seus traumas. Três mulheres, ativistas do MAB atingidas em outras regiões do estado pelo rompimento de barragens, incentivaram a formação de um grupo de bordado para ensinar a técnica da *arpillera*, buscando ressignificar o desastre e transformar o luto em lutas.

A *arpillera* é “uma técnica têxtil com raízes na tradição popular de bordadeiras de Isla Negra, no litoral chileno” (Vaz, 2019, p. 194). Muitos/as pesquisadores/as dizem se tratar de uma técnica antiga latino-americana, remetendo às identidades de comunidades e práticas coletivas que retratam a vida cotidiana, popularizada durante a resistência à ditadura militar chilena como poderoso instrumento político de denúncia e de visibilidade de conflitos.

As mulheres-vizinhas-atingidas pelo crime ambiental na Lagoa da Conceição, incentivadas pelo MAB, constituíram um grupo que intitularam Arpilleras Manuelinas. O nome faz menção tanto à rua enlameada como à técnica de resistência em bordado de mulheres que ousaram e ousam denunciar violências políticas e de Estado. Entre agosto de 2021 e final de 2023 o grupo se reunia toda semana para bordar suas dores, revoltas, potências e resistências, e nesse processo conversavam, acolhiam-se, escutavam-se e delineavam projetos coletivos buscando manter viva a memória do acontecimento para ressignificar o presente e imaginar possibilidades futuras, para si e para o coletivo. Obras produzidas por moradores/as atingidos/as e artistas que atenderam à convocatória foram expostas em evento realizado na própria servidão, em 25 de julho de 2021 (seis meses após o desastre), intitulado *Memória e Trauma: descaso Lagoa* (Exposição, 2021; Memória, 2021). As Arpilleras Manuelinas expuseram seus bordados em eventos, como a exposição *Tecidos de luta: águas para a vida* realizada entre outubro e novembro de 2023 na CAIXA Cultural Curitiba (Murakami, 2023) e no acervo virtual do MAB (s. d.).

Acompanhamos esse grupo desde seu início, sendo uma das autoras deste artigo participante assídua e articuladora do grupo. A partir da participação observante (Cardoso, 1986) e de uma antropologia engajada, ética e politicamente interessada no encontro dialógico com ativismo e arte (Raposo, 2021), buscamos, com esta escrita, compreender a dinâmica social do grupo Arpilleras Manuelinas e seu processo de criação. Análises interdisciplinares das anotações em diário de campo e de fotografias nos possibilitaram pensar as práticas do bordar desse grupo na intersecção entre arte e política, bem como a trama das relações que as constituem ao mesmo tempo em que por elas são constituídas.

CAMINHOS METODOLÓGICOS

A transformação do luto em luta e a própria pesquisa aconteceram no processo de bordar, nas conversas, nos encontros regados a café e prosa em que a organização e planejamento de ações acontecia, na participação em eventos específicos. Buscamos, junto com essas mulheres, realizar a pesquisa por meio da observação participante, ou melhor, da participação observante (Cardoso, 1986), visto que não só observamos o grupo bordar a certa distância e em uma posição hierárquica pesquisadora-interlocutora, mas bordamos junto, aprendendo técnicas e confabulando experiências.

A pesquisa foi possível principalmente devido às relações pessoais que foram desenvolvidas, relações de confiança, como afirma William Foote-Whyte (2005). Uma das autoras, moradora atingida, esteve diretamente envolvida com o grupo desde sua constituição, em agosto de 2021. Outra, também atingida, acompanhava o processo, porém sem integrar o grupo propriamente. A terceira, por sua vez, aproximou-se das Arpilleras Manuelinas a convite desta última, interessadas ambas na experiência do grupo para desenvolver o trabalho final de uma disciplina do curso de graduação que então cursavam, em 2022, sob a orientação de seu professor, também autor deste artigo. Decorreu desse interesse o registro sistemático de informações em 3 encontros do grupo e uma reunião de articulação política com representantes do MAB.

Os encontros de aproximadamente duas horas, regados a café e quitutes, eram realizados de forma revezada nas casas das participan-



tes, nos sábados à tarde. O bordar era entremeado de conversas diversas tanto sobre o desastre, sobre suas rotinas, bem como sobre pessoas e instituições com as quais conviviam, por vezes em situações de embates. Em uma das conversas, registrada em diário de campo, ouvimos a história da relação do MAB com o bordado de *arpilleras*: data de 2011, quando foi criado o coletivo de mulheres dentro do movimento. A organização das mulheres é vista como potencializadora do MAB, e o bordado de *arpilleras* como dispositivo para a narrativa e elaboração das perdas e do luto, e bem como para a organização de um espaço de maior protagonismo feminino no movimento. Um modo de entretecer arte e política em diferentes dimensões: as lutas relativas ao fato de serem atingidas pelo rompimento de barragens em prol da justa reparação e da garantia de direitos, e a luta contra a lógica patriarcal vigente, a qual afeta também a participação de mulheres em movimentos sociais e na esfera política (Deere, 2004; MAB, [s. d.]).

As Arpilleras Manuelinas, em 2022, dedicavam-se a bordar duas obras, intituladas *25/01/2021* e *Resistimos*. Os títulos dizem respeito, respectivamente, ao dia do rompimento da barragem, coincidentemente o mesmo dia em que ocorreu o rompimento da barragem de Brumadinho¹, em 2019, e às ações empreendidas por moradores/as da rua após o desastre na luta por uma justa reparação do dano e mitigação do trauma. Durante os encontros as mulheres construíram coletivamente ambas as obras, recortando tecidos, bordando, compartilhando técnicas e dicas de costura.

Acompanhando o movimento do grupo e dele participando ativamente, buscamos concretizar uma pesquisa que não vai à campo coletar informações e dele se afasta para analisar e descrever seus resultados. Ao contrário, orientamo-nos por um modo de produção de conhecimentos que reconhece sua dimensão política e que investe em ação e intervenção junto àqueles com quem se pesquisa (Pérez-Bustos; Márquez Gutiérrez, 2015; Raposo, 2021; Silveira; Moraes; Quadros, 2023). Trata-se de compreender tanto a arte da qual a pesqui-

¹ O rompimento da barragem da Vale em Brumadinho (MG) foi um dos mais trágicos eventos desta categoria no Brasil, deixando 270 mortes, três desaparecimentos e segue até hoje sem reparações justas aos/às atingidos/as (Mansur, 2023).

sa se aproxima como seu próprio método e análises posteriores ou concomitantes em sentido político, como modos "de agir sobre o mundo e, portanto, de fazer mundo" (Raposo, 2021, p. 21).

RETALHOS, FUXICOS E OUTRAS PROSAS

Os bordados foram realizados, seguindo a tradição *arpillera*, sobre um pano de algodão cru que, posteriormente, foi costurado a um pedaço de juta, tecido feito de fibra vegetal. No Brasil a juta é conhecida como saco de batatas, posto seu uso recorrente no acondicionamento e transporte desse e outros vegetais. A seguir, apresentamos as duas *arpilleras* elaboradas pelo grupo em 2022.



Figura 1. Grupo Arpilleras Manuelinas. 25/01/2021, 2022. 55 x 50 cm. Fonte: arquivo das autoras.



Esta primeira *arpillera* é composta por imagens que rememoram o dia do rompimento da barragem e o caos decorrente. Um tecido marrom recobre a parte inferior, em alusão à lama que invadiu as casas e cobriu a rua. Um carro tombado, com os pneus para cima, faz alusão aos vários automóveis que tiveram perda total. O bote dos bombeiros relembra o socorro que receberam, fundamental para que muitos moradores e moradoras pudessem sair de suas casas em segurança. Entre o carro e o bote, uma árvore com a copa feita de pequenos fuxicos diz respeito à situação de um morador que foi arrancado de sua casa pela força da lama e, sem saber nadar, se agarrou a uma árvore no terreno vizinho e lá ficou por três horas, aguardando que os bombeiros viessem resgatá-lo.

O fuxico emerge, em nossas análises, como categoria ambígua entre o material e o imaterial: refere-se à técnica e ao ato de fuxicar, que na língua portuguesa coloquial expressa a prosa, o cochicho, a fofoca. Sua origem secular remonta às mulheres africanas escravizadas no período colonial do Brasil que aproveitavam as sobras de tecidos, na época artigos de luxo, para fazer desde enfeites pequenos até colchas (Mattos; Tavares, 2015).

Os/as bonecos/as de pano que foram confeccionados pelas mulheres e afixados na *arpillera*, por sua vez, relembram o drama sofrido por outros/as moradores/as. Uma família – pai, mãe e dois filhos pequenos – se salvou e aguardou pelo socorro subindo no telhado da própria casa. Um casal que sobreviveu mergulhando na lama fétida salvou-se escalando a duna atrás de sua casa. As pessoas na casa vermelha, assim como a cesta de alimentos ao lado, rememoram a moradia transformada em local de apoio e a solidariedade de pessoas anônimas: por estar situada em uma parte elevada da rua, seus habitantes tiveram somente o jardim e a garagem afetados, o que viabilizou transformar o lugar em ponto de coleta e distribuição de doações para os/as atingidos/as.

Por fim, as duas mulheres que estão em frente à casa vermelha rememoram a experiência vivida por uma das integrantes do grupo, que se salvou nadando na lama fétida e recebeu de outra moradora uma toalha com a qual pode cobrir o pijama, o único pertence que veio consigo. Completa a *arpillera* o helicóptero que sobrevoou por todo o dia a região, lembrando tanto a ajuda recebida das forças de segurança como a cobertura da imprensa que alimentou os canais de comunicação com imagens e notícias do desastre.

A história bordada nessa *arpillera* foi construída coletivamente a partir da partilha das experiências das mulheres integrantes do grupo: a subida da duna, a toalha recebida para cobrir a intimidade, as famílias no telhado, a dor de ver o irmão passar pelo pesadelo de sobreviver graças à árvore que o acolheu, a casa transformada em lugar de doações, em refeitório, em espaço para um banho refrescante nos dias subsequentes despendidos na limpeza da lama que invadiu suas casas. O drama vivido está amalgamado aos pedaços de tecido que compõem a *arpillera*, materializando uma trama complexa de afetos que o rompimento da LEI provocou, bem como a resistência a tratativas individuais de indenização, estratégia comumente usada pelas organizações responsáveis pelo rompimento de barragens.



Figura 2. Grupo Arpilleras Manuelinas. *Resistimos*, 2022. 55 x 50 cm. Fonte: arquivo da pesquisa das autoras.



A segunda *arpillera*, intitulada *Resistimos*, retrata algumas ações que os/as atingidos/as empreenderam nos meses subsequentes. O que se vê, além da objetivação do processo de criação das bordadeiras, são imagens que remetem à organização coletiva. Ao lado esquerdo está a Oca, local que antes do ocorrido era utilizado para terapias alternativas e que foi transformado em espaço para as reuniões e eventos promovidos pelos moradores/as. No centro da imagem, duas caixas verdes fazem alusão à horta comunitária Andorinhas ("porque uma andorinha só não faz verão", nos contaram as mulheres) e, abaixo delas, um espaço que, com plantas, paletes e um banco, se transformou em jardim público. À direita da imagem, várias pessoas carregando cartazes com os lemas das manifestações, assim como o símbolo do MAB. Na parte inferior, três imagens coloridas remetem aos muros da rua que receberam intervenções de grafiteiros, em ações coordenadas por algumas mulheres que viabilizaram sprays e tintas junto ao comércio local e artistas que se dispuseram a contribuir com o processo de revitalização da rua.

As Arpilleras Manuelinas escolheram o bordado como dispositivo de denúncia e luta, dando abertura a outros interesses paulatinamente. Há nisso uma *intencionalidade*, entendida como pensamento encarnado nas práticas artísticas e obras de arte, nos termos de Alfred Gell (2001), que está impregnada em cada ponto tecido pelo grupo como ação no mundo. Tal qual em uma armadilha de caça Zande, não se trata de mera mensagem ou representação subjetiva das artistas, mas de uma ação concreta indexada na obra, fazendo-a também afetar o mundo (Gell, 2001). As *arpilleras* são então uma forma de luta em si, na qual cada ponto e fuxico é feito com a articulação política dessas mulheres, ao mesmo tempo em que é o bordado que tece o coletivo de atingidas, um grupo que fuxica o entendimento de sua condição.

O PROCESSO DE CRIAÇÃO

A arte de bordar é composta por vários elementos que indicam diferentes ações e modos de fazer. Todo bordado requer linha, agulha e alguém que, com esses materiais, trabalhe para inscrever, em alguma superfície, uma imagem e/ou algum escrito. Do tradicional ao contemporâneo, pode compor enxovais (Cerqueira; Santos, 2011), expor intimidades

(Stradiotto, 2021), denunciar violências várias (Vaz, 2019; Maso; Maso, 2020; Obras, s. d.), entre outros usos.

No bordar das Arpilleras Manuelinas identificamos algumas características relativas aos materiais utilizados, doados pelo MAB, obtidos via doações ou de seus próprios acervos: os tipos de linha e agulha, mudando em tamanho, espessura e material; os tecidos, panos ou superfícies onde bordavam (algodão, lã, poliéster e depois a juta) e os pontos, transmitidos entre gerações, não raro com diferentes denominações e modos de concretizá-los.

Vimos que a maior parte das ações e modos de bordar no grupo era variável: observamos as mulheres dobrando a linha múltiplas vezes para então passar pelo buraco da agulha ao desejar um bordado mais denso e um traçado mais grosso. Algumas mulheres conheciam somente um ou outro ponto específico, outras, pontos complexos. Isso expressa a diversidade do grupo, seja no que se refere à prática com linhas e agulhas, seja em relação à ancestralidade e formação.

Podemos pensar, com José Reginaldo Gonçalves (2007, p. 215), na ressonância das obras desse grupo, isto é, em um poder de transmitir, de "evocar no expectador as forças culturais complexas e dinâmicas" de onde emergem, uma vez que as *arpilleras* por elas produzidas não apenas representavam o vivido, mas traziam, amalgamadas aos pedaços de tecidos e linhas entretecidos, as relações sociais e simbólicas do contexto em que viviam.

A ressonância é exaltada na costura das *arpilleras* e outras artes ao se entender que, tal como todo patrimônio, estas se encontram em uma ambiguidade entre o material e o imaterial, entre objetos e sujeitos (Gonçalves, 2007), esferas indissociáveis que o ocidente insiste em separar. Entretanto, enquanto Gonçalves (2007) e Gell (2001) nos situam como público sob efeito das obras, entendemos com Ingold (2011) a perspectiva interna do grupo e seu processo criativo enquanto fluxo. Nesse sentido, o autor nos convida a pensar na importância do fazer, mais do que da obra pronta.

Escolhemos falar de *técnica* não apenas em razão da costura e seus métodos, mas também na perspectiva de Tim Ingold (2011) de pensar, dialogando com Deleuze e Guattari, os modos de fazer e as rela-



ções constantes tecidas entre pessoas e coisas. Trata-se então de reconhecer a linha, a agulha, os tecidos e superfícies, dentre outros materiais, como coisas *mundando* no mundo e sobre as quais não se impõe a forma, pois são matérias-fluxo, materiais com os quais se aprende a trabalhar em seu movimento.

As composições que se apresentam nas figuras 1 e 2 apresentam a singularidade das participantes, uma vez que cada uma faz uma coisa ou muitas fazem uma mesma cena e, na medida que vão cansando do que estão fazendo (fuxico, bordar grama, bordar o carro, bordar o título da obra, entre outros), trocam de posição, trocam de fazer e trocam de pano. Trata-se de estratégia de resistência, pois costurar é atividade penosa, que exige atenção, raciocínio, uma determinada postura e posição. Ao trocarem de posição e de cena em processo, mudavam as relações que ali se entreteciam, no processo de composição do bordado.

Volta e meia faziam um movimento de distanciamento em relação ao que estava sendo produzido para visibilizar o próprio processo e o que necessitava ser trabalhado. Em um desses momentos, registramos em diário de campo (19 de junho de 2022) as seguintes: “Desculpem a modéstia, mas tá lindo!! Olha que coisa linda!” Ao que responderam: “É que tem um pouquinho de cada uma, um pouquinho artístico de cada”.

Identificamos também que, apesar do que almejavam enquanto produto final, o processo de criação, entre conversas, afecções, planejamentos, fazeres e refazer, ganhou mais destaque do que a obra em si. O planejamento coletivo de cada *arpillera*, com croquis e rodadas de ideias, a composição de cores, o tamanho, as texturas, foram amplamente discutidos. Sentidos e afetos foram tecidos nesse fazer coletivo, em meio ao compartilhar de saberes e aprendizagens. A dinâmica do grupo evidenciou um processo de composição coletivo em que se destacaram a validação e legitimação constantes. Ademais, a ausência de hierarquias, a não linearidade das ações e o intenso estabelecimento de conexões contribuíram para adensar as relações entre as participantes.

Em suma: as Arpilleras Manuelinas fazem uma arte sensível estético-politicamente que incita reflexões sobre a complexa trama que caracteriza o rompimento de uma barragem: o descaso público, o desespero no dia, os efeitos biopsicossociais remanescentes. Ademais, visibilizam, com seus bordados, o processo árduo de resistência a violências

e violações de direitos. Destacamos ainda que o luto e a elaboração coletiva das perdas se transformaram em verbo, em possibilidade de ação. O bordado alinhavou a luta, e reconhecer-se como atingida, o que só foi possível com a mediação do MAB, permitindo investir no fortalecimento de relações, no pensar, visualizar e materializar outras possibilidades para si e para o coletivo.

As obras de arte das Arpilleras Manuelinas vêm cumprindo, tal qual patrimônios oficializados o fazem, uma função “social e simbólica de mediação entre o passado, o presente e o futuro do grupo, assegurando a sua continuidade no tempo e sua integridade no espaço” (Gonçalves, 2007, p. 28). Esse entrelaçamento de tempo e movimento é importante para discutir aspectos relacionados à memória e a outros possíveis para pessoas atingidas por desastres ambientais e tantos outros, recorrentes em nosso país.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos com esta escrita apresentar as Arpilleras Manuelinas, objetivando compreender sua dinâmica e o processo de criação de seus bordados. A experiência de vertigem por elas vivenciada, em decorrência do rompimento de uma barragem vizinha ao local de moradia, criou as condições de possibilidade para os encontros em que abordaram e entreteceram suas existências. Estar com essas mulheres e acompanhar o movimento do grupo possibilitou compreender que as participantes produziram arte a partir da aprendizagem de técnicas específicas e de uma costura (i)materialmente coletiva, ao mesmo tempo em que partilharam memórias e afetos, transformando seus lutos em luta. As próprias *arpilleras* se tornam uma forma de luta pois, além de materializarem fazeres e relações, são elas que articulam o coletivo. Suas produções fortaleceram a comunidade atingida, expondo reivindicações, demandando reparações e contribuindo para a construção de políticas públicas específicas para pessoas atingidas pelo rompimento de barragens.

Além da prática da *arpillera*, nossa escrita também pode ser considerada testemunho do vivido – uma escrita de certa forma colaborativa, pois aqui referenciamos, mesmo que não nominalmente, todas as



mulheres que integraram as Arpilleras Manuelinas bem como as companheiras do MAB, presentes nas lutas de pessoas atingidas em todo o país. A recuperação de um álbum de fotos de uma vizinha, um de seus únicos e mais importantes pertences resgatados da lama, partilhado por meios de comunicação e reportagens, bem como a exposição *Memória e Trauma: descaso Lagoa*, são exemplos de outras ações que produzem vida. Nesse sentido, a escrita da pesquisa também pode ser testemunha e fortalecedora de políticas em prol da vida, ao ecoar histórias e vozes de diferentes interlocutoras/es.

REFERÊNCIAS

CARDOSO, Ruth Corrêa Leite. Aventuras de antropólogos em campo ou como escapar das armadilhas do método. In: Cardoso, R. (org.).

A aventura antropológica: teoria e pesquisa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

CERQUEIRA, Fábio Vergara.; SANTOS, Denise Ondina Marconi dos. A camisola do dia: patrimônio têxtil da cultura material nupcial (Rio Grande do Sul, do início a meados do século XX). **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 48, p. 305-330, jul. 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-21862011000200004>. Acesso em: 2 mar. 2025.

DEERE, Carmen Diana. Os direitos da mulher à terra e os movimentos sociais rurais na reforma agrária brasileira. **Revista Estudos Feministas**, v. 12, n. 1, p. 175–204, jan. 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2004000100010>. Acesso em: 2 mar. 2025.

EXPOSIÇÃO marca seis meses da tragédia na Lagoa da Conceição. **ND Mais**, Florianópolis, 23 jun. 2021. Disponível em: <https://ndmais.com.br/cultura/exposicao-marca-seis-meses-da-tragedia-na-lagoa-da-conceicao/>. Acesso em: 2 mar. 2025

FOOTE-WHYTE, William. **Sociedade de esquina:** a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada. Tradução: Maria Lucia de Oliveira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

GELL, Alfred. A rede de Vogel: armadilhas como obras de arte e obras de arte como armadilhas. Tradução: Marcia Martins Campos, Laura Bedran. **Arte & Ensaios**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 8, p. 174-191, 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.37235/ae.n8.18>. Acesso em: 6 fev. 2025.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **Antropologia dos objetos:** coleções, museus e patrimônios. Rio de Janeiro: Coleção Museu, Memória e Cidadania, 2007.

INGOLD, Tim. **Estar vivo:** ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Tradução: Fábio Creder. Petrópolis: Vozes, 2011.



KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu**: palavras de um xamã yanomami. Tradução: Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MAB lança acervo virtual das arpilleras. Disponível em: <https://mab.org.br/2021/10/30/mab-lanca-acervo-virtual-arpilleras/>. Acesso em: 2 mar. 2025

MANSUR, Rafaela. Quatro anos da tragédia em Brumadinho: 270 mortes, três desaparecidos e nenhuma punição. **G1 Minas**. Belo Horizonte, jan. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2023/01/25/quatro-anos-da-tragedia-em-brumadinho-270-mortes-tres-desaparecidos-e-nenhuma-punicao.ghml>. Acesso em: 2 mar. 2025.

MASO, Tchenna Fernandes; MASO, Tchella Fernandes. Onde estão nossos direitos? O campo feminista de gênero bordado pelas mulheres atingidas por barragens. **Revista Brasileira de Políticas Públicas**, v. 10, n. 2, ago. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5102/rbpp.v10i2.6822>. Acesso em: 2 mar. 2025.

MATTOS, Mônica Montuano Gonçalves Ramos; TAVARES, Cláudia Mara de Melo. Experimentação estética do cuidar-se por meio de fuxicos: vivência com alunos de pós-graduação em enfermagem. **Revista Pró-UniverSUS**, v. 6, n. 3, p. 45-47, jul.-dez. 2015. Disponível em: <https://editora.univassouras.edu.br/index.php/RPU/article/view/360/492>. Acesso em: 2 mar. 2025.

MEMÓRIA e trauma: exposição retrata seis meses de tragédia na Lagoa da Conceição. **SCC 10**, Florianópolis, 26 jul. 2021. Disponível em: <https://scc10.com.br/nosso-scc/scc-meio-dia/memoria-e-trauma-exposicao-retrata-seis-meses-de-tragedia-na-lagoa-da-conceicao/>. Acesso em: 2 mar. 2025.

MOVIMENTO DOS ATINGIDOS POR BARRAGENS (MAB). Mulheres atingidas por barragens. Disponível em: <https://mab.org.br/mulheres/>. Acesso em: 2 mar. 2025.

MURAKAMI, Lais. **Projetos de extensão da UFPR apresentam exposição “Tecidos de luta” na Caixa Cultural**. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, out. 2023. Disponível em: <https://ufpr.br/projetos-de-extensao-da-ufpr-apresentam-exposicao-tecidos-de-luta-na-caixa-cultural/>. Acesso em: 2 mar. 2025.

OBRAS Rosana Paulino. Disponível em: <https://www.rosanapaulino.com.br/blank-5>. Acesso em: 2 mar. 2025.

PÉREZ-BUSTOS, Tania; MÁRQUEZ GUTIÉRREZ, Sara. Aprendiendo a bordar: reflexiones desde el campo sobre el oficio de bordar y de investigar. **Horizontes Antropológicos**, v. 21, n. 44, p. 279-308, jul.-dez. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832015000200012>. Acesso em: 2 mar. 2025.

RAPOSO, Paulo. Antropologias, artes e política: engajamentos e encontros. **ILUMINURAS**, Porto Alegre, v. 22, n. 57, 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/118980>. Acesso em: 2 mar. 2025.

SILVEIRA, Marília; MORAES, Marcia; QUADROS, Laura Cristina de Toledo (Orgs). **PesquisarCOM**: caminhos férteis para a pesquisa em psicologia. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2023.

STRADIOTTO, Júlia. Rasgos: uma investigação sobre autobiografia, bordado e doença. **Revista Valise**, Porto Alegre, v. 11, n. 18, ago. 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/RevistaValise/article/view/108793>. Acesso em: 2 mar. 2025.

VAZ, Rita Isabel. Tecendo a resistência: bordado e subversão. **Tom UFPR**, Curitiba, v. 5, n. 10, p. 190-217, dez. 2019.



Letícia Zanella Sais é antropóloga, graduada pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), e psicóloga, graduada pelo Centro Universitário CESUSC.

E-mail: leticiasais@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-8680-8956>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6927268145824978>

Débora Luiza Pereira é antropóloga, graduada pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

E-mail: d.luiza.p@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-8030-1385>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4870825430282555>

Andréa Vieira Zanella é artista visual, pesquisadora e docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), bolsista em produtividade do CNPq. Realiza exposições individuais e participa de exposições coletivas.

E-mail: a.zanella@ufsc.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8949-0605>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2409769589523805>

Rafael Victorino Devos é antropólogo. Docente do Departamento de Antropologia e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

E-mail: rafael.devos@ufsc.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5985-0155>

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/5170570509886700>